

BOM JESUS, BOA MORTE, BOM DESPACHO, ROSÁRIO E SÃO BENEDITO...

IGREJAS DE CUIABÁ

*Sônia Regina Romancini*¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a valorização da paisagem urbana em Cuiabá, tendo como base a construção do espaço sagrado. Ao realizar estudos sobre a produção do espaço sagrado, Rosendahl (1996) afirma que o homem religioso sente necessidade de viver numa atmosfera impregnada do sagrado; por isso se elaboram técnicas de construção do sagrado.

Segundo a autora, “esse trabalho humano de consagrar um espaço, essa necessidade de construir ritualmente o espaço sagrado, nos revela que o mundo é, para o homem religioso, um mundo sagrado” (ROSENDAHL, op. cit., p. 29-30).

Em Cuiabá, o sagrado se faz presente na paisagem urbana através das igrejas que, apesar de seus nomes imponentes como, por exemplo, Catedral Basílica do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho, são afetuosamente chamadas de Catedral, Rosário e Bom Despacho².

Sob esse prisma, o presente artigo discute a importância da presença das igrejas centenárias na paisagem urbana de Cuiabá, revelando a riqueza dessa herança que, hoje, se torna um fator de identidade para os cidadãos cuiabanos. Situadas no Centro Histórico

da cidade e nos setores do entorno, também passíveis de preservação, a maioria destas igrejas encontra-se tombada como patrimônio histórico, seja no âmbito federal, seja estadual. Assim, a delimitação de um Centro Histórico e a existência de um grande número de bens tombados constituem um valioso patrimônio cultural e um importante recurso turístico.

No tocante ao sagrado como elemento de produção do espaço, Rosendahl (1999) afirma que as construções são moldadas pelas idéias de uma sociedade, suas formas de organização econômica e social, a distribuição de recursos e autoridade, suas atividades, crenças e valores. A autora propõe uma maneira de se olharem as cidades em relação a seu contexto cultural, estabelecendo um elo entre religião, a gênese da cidade e uma de suas funções.

Sobre a importância do patrimônio construído, Brandis e Del Rio (1998) afirmam que o marco construído ao longo do tempo e materializado no traçado e na edificação, reflete as marcas das formas culturais de se produzir a cidade:

El patrimonio edificado responde a la decisión de los grupos sociales que modelaron y ocuparon la ciudad. A causa de la heterogeneidad social y del paso del tiempo la ciudad construida presenta una rica tipología de arquitecturas. En el momento actual, es la edificación monumental la que más perdura por su mayor calidad constructiva y por ser tradicionalmente la más valorada y conservada. Así, las iglesias, conventos y monasterios, los palacios [...] las obras públicas [...] perduran en la ciudad actual (BRANDIS e DEL RÍO, 1998, p. 231).

Segundo Troitiño Vinuesa (1998a), as edificações herdadas do passado constituem o patrimônio cultural, que é um elemento essencial de bem-estar e de qualidade de vida das cidades que o detêm. Este patrimônio, se utilizado de forma criteriosa para o turismo, oferece múltiplas perspectivas de desenvolvimento econômico e social, bem como a criação de novos empregos. Assim, o patrimônio

cultural enriquece uma sociedade no plano social e no plano cultural, e seus aspectos funcionais podem participar ativamente na revitalização urbana.

Entre os procedimentos adotados para o desenvolvimento da pesquisa, destacou-se o levantamento bibliográfico e documental, que se constituiu no levantamento de bibliografia relacionada ao tema e ao conhecimento produzido em relação à área em estudo, como: livros, revistas, artigos, jornais, poesias, crônicas, relatos de viajantes, dentre outros. Foram também realizadas conversas informais e entrevistas com os moradores da cidade.

PATRIMÔNIO CULTURAL E RECURSO TURÍSTICO

O patrimônio cultural constitui um importante recurso turístico das cidades históricas. A oferta cultural não se limita ao patrimônio arquitetônico e urbanístico, mas inclui também museus, bibliotecas, arquivos, teatros, salas de concertos, centros culturais, salas de exposições, assim como festas e eventos lúdico-culturais. Este conjunto de recursos deve aparecer em diferentes guias de recursos culturais, publicados em nível estadual e municipal.

A seguinte nota publicada em um jornal da Capital, em março de 1969, revela um olhar atento sobre a cidade de Cuiabá, enaltece suas especificidades que a distinguem das demais cidades brasileiras e destaca os aspectos caros à memória coletiva da sociedade que a habita:

Assim é Cuiabá. Rica de colorido, cheia de fortes contrastes. Cuiabá é terra do Senhor Bom Jesus e de Todos os Santos. De suave murmúrio do vento agitando as palmeiras imperiais. Cuiabá do pacu assado, do licor de piqui, da carne com banana, do guaraná ralado. Da poesia das águas do rio que leva o seu nome. Dos becos estreitos, dos casarões coloniais, do mercado do Porto, do peixe bom. Dos pescadores, das lavadeiras, das praias de alvas areias [...] Cuiabá das tradições,

da época de ouro da nossa história. Terra amada por todos, Cuiabá das igrejas de ouro, belas como a do Bom Despacho. Cuiabá – simplesmente – Cuiabá (Cuiabá de todos os santos e de todas as cores, 1969).

A respeito da importância da memória, da herança, do patrimônio e da paisagem nas cidades históricas, destaca-se a reflexão realizada pelo Prof. Dr. J. M. Pereira de Oliveira:

Uma cidade histórica e nela, particularmente, o seu centro histórico, não o é só por força do peso da história e da geografia [...] São estes espaços “construídos” e vividos ao longo dos tempos pelas sucessivas gerações, que os legaram de umas para as outras, plasmando a cada momento um pouco de cada uma delas e onde o equilíbrio do todo como espaço vivido deve ser entrevisto também numa perspectiva de adaptação conservada entre o peso dos valores histórico-culturais que nele se inscreveram e a qualidade de vida dos actuais urbanistas (OLIVEIRA, apud MARQUES E MARTINS, 1998, p. 123).

Numa abordagem sobre a memória das cidades, Abreu (1998) salienta que, devido aos acontecimentos do século XX, como os progressos técnicos e científicos, as guerras, a fome, entre outros, as sociedades buscam novas visões de mundo, vivendo mais o presente, desconfiando do futuro e revalorizando o que construíram em tempos passados.

Segundo Abreu, em face da homogeneidade do espaço global, cada lugar procura na singularidade a sobrevivência e a individualidade, sob esse aspecto:

O passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializado na paisagem, preservado em “instituições de memória”, ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares, não é de se estranhar, então, que seja ele que vem dando o suporte mais sólido a essa procura de diferença (ABREU, 1998, p. 7).

O autor afirma que, na busca da “memória urbana” no Brasil, o passado está sendo revalorizado; e a preservação, recuperação e restauração do que sobrou das paisagens urbanas anteriores são um objetivo almejado pelos governos municipais.

No Brasil, as preocupações com a preservação do patrimônio histórico e artístico nacional, cujo acervo é chamado de patrimônio cultural, estão presentes na Constituição Brasileira de 1988, que, na Seção II, da cultura, Artigo 216, assegura:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I. as formas de expressão;

II. os modos de criar, fazer e viver;

III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 2004, p. 111).

No âmbito federal, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) se responsabiliza pelo tombamento do patrimônio cultural. O tombamento é definido como o conjunto de ações realizadas pelo poder público, com o objetivo de preservar, através da aplicação de legislação específica, bens culturais de valor histórico, artístico, arquitetônico, arqueológico e ambiental, de interesse para a população, impedindo que venham a ser demolidos, destruídos ou mutilados.

Após um período de intensas transformações que atingiram o patrimônio cultural de Cuiabá, na segunda metade da década de 80, o Conjunto Arquitetônico Urbanístico e Paisagístico da Cidade de Cuiabá foi regulamentado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e

Artístico Nacional (IPHAN), que integra a estrutura do Ministério da Cultura.

Na esfera estadual, a preservação do patrimônio é de responsabilidade da Secretaria de Estado de Cultura, com base na Lei Estadual n.º 3776, de 20/09/76, cabendo também aos municípios terem sua própria legislação para a valorização do patrimônio (ASSIS, 1997).

Entende-se que, na preservação, se busca a permanência do bem ao qual se atribui valor e/ou significado cultural. O ato de preservar ultrapassa a condição material do bem e alcança também seu significado histórico, seu valor imaterial, artístico, cultural, entre outros. Sob esse prisma, um bem é preservado para continuar evocando a história, a cultura e a memória de um povo para seus contemporâneos ou descendentes (CASTILHO, 1997).

Para proteger o conjunto arquitetônico urbanístico e paisagístico da cidade de Cuiabá, o IPHAN regulamenta, através de portaria, toda a sua vizinhança, que denomina de área de entorno, sistematizando critérios para a sua utilização.

Ao analisar os centros históricos, Troitiño Vinuesa (1998b) afirma que as cidades são realidades muito complexas, uma vez que em suas paisagens se refletem as características do meio natural, as heranças históricas, o jogo de forças econômicas, o progresso técnico, a capacidade criadora dos arquitetos, escultores, artesãos, as tensões e conflitos sociais, as formas de ser, de viver e as aspirações dos seus cidadãos. O centro histórico, além de valorizar as singularidades arquitetônicas, prima por outras dimensões como a histórica, cultural, econômica, social e simbólica.

Acerca da necessidade de proteção e conservação do patrimônio cultural, bem como sua utilização para o turismo, o autor faz as seguintes observações:

La implantación de la cultura de la recuperación, más allá de las protecciones pasivas y de las declaraciones de conjuntos

históricos, requiere avanzar en el conocimiento de la ciudad como patrimonio y recurso cultural colectivo. Sin un adecuado entendimiento de la dimensión cultural del patrimonio urbanístico [...] será muy difícil propiciar un turismo cultural de calidad. Hay que avanzar hacia una política urbanística y cultural que, siendo respetuosa con los valores arquitectónicos, urbanísticos y culturales de las ciudades históricas, dé respuestas a las demandas de nuestro tiempo y propicie su utilización como recurso turístico (TROITIÑO VINUESA, 1995, p. 52).

Ressalta-se que o turismo constitui um pilar importante da economia de muitas cidades que possuem centros históricos, contribuindo também para a conservação e a recuperação de seu patrimônio cultural. Entretanto, como a pressão do turismo pode trazer riscos para o ambiente e para a sociedade, devem ser formuladas políticas de gerenciamento desses recursos (TROITIÑO VINUESA, 1995, cit.).

AS IGREJAS DE CUIABÁ

A primeira igreja erigida em Cuiabá foi no Coxipó-Mirim no arraial denominado Forquilha, fundado em 1719 por Pascoal Moreira Cabral e outros bandeirantes, que levantaram uma capela dedicada a Nossa Senhora da Penha de França, na qual o padre Jerônimo Botelho celebrou a primeira missa em 1720 (MENDONÇA, 1978).

Posteriormente, em outubro de 1722, no córrego da Prainha, abaixo do outeiro onde se situa a Igreja do Rosário, o sorocabano Miguel Sutil, juntamente com dois índios e o companheiro português chamado Barbado, descobriu as minas de ouro denominadas Lavras do Sutil, em torno das quais se formou a cidade de Cuiabá. Este veio aurífero, devido à sua importância, atraiu a população da Forquilha.

Conforme explicitado anteriormente, as igrejas de Cuiabá se destacam como patrimônio cultural, estando algumas delas situadas em privilegiadas colinas que permitem aos transeuntes vislumbrá-

las, no centro principal da cidade. A origem das igrejas se confunde com a da própria cidade, segundo os registros realizados.

As igrejas, que constituem até o presente momento uma característica marcante da paisagem urbana de Cuiabá, logo tiveram o início de suas construções, conforme descreve o cronista Barboza de Sá:

Neste mesmo anno Levantou o Capitaó mor Iacinto Barboza Lopes Igreja a sua custa coberta de palha que logo servio de freguezia [...] dando-lhe o titulo de Igreja do Senhor Bom Iezus do Cuyabá adonde dice primeiro misa seo Irmaó, o [...] Frey Pacifico dos Anjos [...] Consequentemente levantaraó os pretos huma capellinha a San Benedito junto ao Lugar chamado despois rua do cebo, que dahy a poucos annos cahio e naó se levantou mais (SÁ, 1975, p. 15).

O cronista faz referência à Igreja do Rosário, ao mencionar que, no ano de 1754, o padre José Ayres, por ocasião de sua retirada para Goiás, deixou afixada na porta da igreja excomunhão a todos que o perseguiram. Assim, acredita-se que a Igreja do Rosário foi construída na década de 30 do século XVIII, passando a abrigar a capela de São Benedito.

De acordo com Reis (2000), no Plano da Vila do Cuyabá na Capitania de Mato Grosso, 1770/1780, são destacadas como formadoras da então vila de Cuiabá a matriz, a capela de Nossa Senhora do Bom Despacho e a capela do Rosário.

A paisagem de Cuiabá também foi descrita pelos viajantes, a exemplo de Luiz d'Alincourt que relata sua jornada a Cuiabá, realizada no ano de 1818. De acordo com seu olhar, essas eram algumas características que se sobressaíam na paisagem de Cuiabá, destacando-se os morros pontilhados por igrejas:

[...] tira o nome do rio Cuyabá, e dista da sua margem esquerda uma milha; está fundada em um vale espaçoso e alegre, que se alonga na direção nor-nordeste, ao sul-sudoeste, fechado

ao nascente pelos morros do Bom Despacho, e Rosário, e ao poente pelo da Boa Morte [...] a Igreja Matriz da invocação do Sr. Bom Jesus é regular: há mais quatro templos de menores dimensões; o de N. S. do Bom Despacho, do Rosário, da Boa Morte, e o do Sr. dos Passos [...] (ALINCOURT, 1975, p. 155-6).

Em 1881, Karl Von Den Steinen apresenta alguns aspectos interessantes da paisagem urbana da cidade, que teve sua comitiva como hóspede por quase dois meses. Este pesquisador, ao notar aquela vida alegre e, de certa forma, sem grandes preocupações, elaborou uma frase para expressar a alegria do cuiabano e seu gosto pelas festas religiosas:

Não é possível que haja uma outra cidade no mundo onde se toque mais música, se dance mais, se jogue mais baralho do que aqui... É impossível, também, que em algum lugar se alteiem mais freqüentemente os estandartes da procissão e se saiba associar melhor as missas com os prazeres sociais (STEINEN, 1942, p. 68).

Steinen (1942, p. 84) afirma que “a vida social é o lado agradável de Cuiabá. Uma festa resgata a outra, e em toda parte se é bem-acolhido”. Dessa forma, ficou registrado o aspecto festivo da cidade e a alegria dos cuiabanos, características marcantes até os dias atuais.

Atualmente, há na cidade de Cuiabá um grande número de igrejas católicas, evangélicas, neopentecostais, centros espíritas e uma mesquita, que revelam a busca do homem pelo sagrado. Entretanto, o objetivo do presente estudo foi o de focar as igrejas mais antigas, materializadas na paisagem, por constituírem um espaço histórico de relevante importância para a memória coletiva da sociedade, bem como para o desenvolvimento do turismo cultural.

CATEDRAL BASÍLICA DO SENHOR BOM JESUS DE CUIABÁ

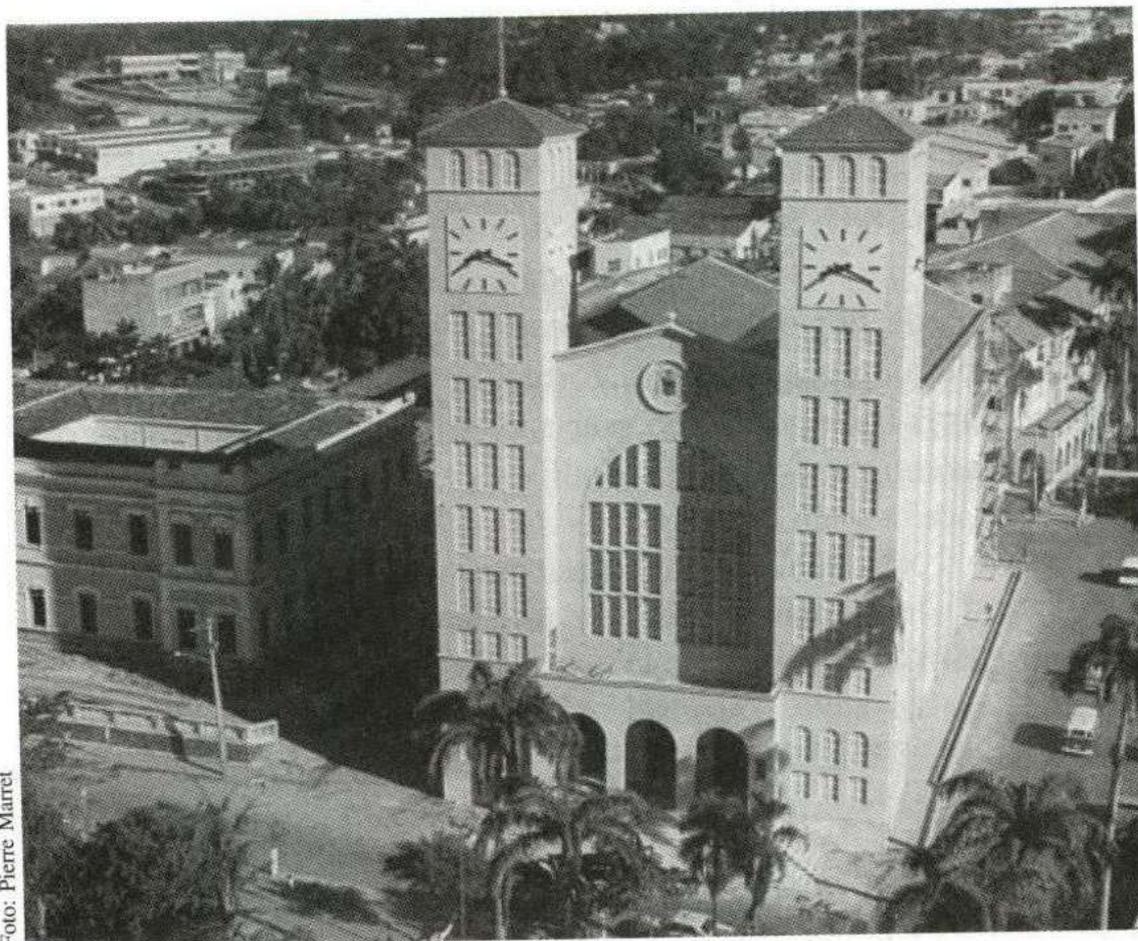


Foto: Pierre Marret

Um dos mais importantes espaços sagrados em Cuiabá é a Catedral Basílica dedicada ao Senhor Bom Jesus de Cuiabá, demarcada inicialmente pela presença de uma igreja de palha e pau-a-pique, levantada pelo Capitão-Mor de Cuiabá, Jacinto Barbosa Lopes. De acordo com Silva (1997), em 1739, o vigário padre João Caetano iniciou a construção de uma nova capela de taipa socada, sem torre, que parecia ampla, pois durante a construção abrigava a antiga capela.

Em 1771, o padre José Pereira Duarte, com o apoio do padre Passos d'Arco, desenhista e construtor, ergueu a primeira torre em forma piramidal, que se conservou até 1868, quando o arquiteto italiano Tortorelli desenhou e construiu uma nova torre, com teto em forma de abóbada. Na década de 20, a Matriz do Bom Jesus passou

por uma reforma, ganhando nova fachada, com duas torres, aspecto que foi conservado até a sua demolição, em 1968 (SILVA, 1997).

Por este motivo, o ano de 1968 é apontado por Freire como um marco no processo de modernização de Cuiabá, por ter sido o ano da demolição da antiga e colonial Matriz do Senhor Bom Jesus:

A dinamitação da velha Matriz ganhou força de signo, pelo conteúdo simbólico expresso nas tensões entre o velho e o novo, o provinciano e o metropolitano, o conservantismo e o progressista, o tradicional e o moderno que antagonizavam a sociedade cuiabana (FREIRE, 1997, p. 127).

Segundo Póvoas (1995), a construção da Catedral foi iniciada em 1958 e interrompida em 1963, durante o Concílio Vaticano II. As obras foram retomadas em 1968. Assim, o projeto de uma nova igreja fazia parte das intenções de modernização da cidade, através da construção de novos edifícios, em substituição àqueles carregados de história e memória.

Portanto, a demolição da Matriz apenas concretizou o que já estava em curso há dez anos; restavam da antiga igreja algumas paredes. A iniciativa do Arcebispo Dom Orlando Chaves de demolir a Matriz demonstra o poder da Igreja de também interferir na paisagem urbana. O Arcebispo contou com o apoio de pessoas influentes da sociedade cuiabana, que contribuíram financeiramente para a construção da nova Basílica do Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

A Catedral,² inaugurada em 24 de maio de 1973, em estilo bastante diferente dos edifícios históricos que restaram na Praça da República, a exemplo do Palácio da Instrução, destaca-se pelo contraste entre o “velho” e o “novo”, o “tradicional” e o “moderno”, no coração da cidade.

A Catedral e a Praça da República constituem dois importantes espaços simbólicos da área central de Cuiabá. Ressalta-se que, devido ao imenso número de migrantes que habitam a cidade, muitos só conheceram a antiga Matriz por meio de fotografias; desse

modo, o atual edifício também faz parte do espaço afetivo de muitos moradores.

Entre as festas mais importantes realizadas pela Catedral Basílica destaca-se a procissão no dia primeiro de janeiro, dedicada ao padroeiro da cidade, o Senhor Bom Jesus, cuja imagem colonial, colocada sobre um andor enfeitado com rosas vermelhas, percorre as ruas da cidade.

Entretanto, a festa de maior magnitude realizada na Catedral é a do Senhor Divino, tradição mato-grossense desde a Monarquia Imperial, que acontece no domingo de Pentecostes, sete semanas após a Páscoa. Atualmente a festa é precedida pela bandeira do Senhor Divino, pelo chá com bolo na Residência dos Governadores, baile dos festeiros e, no domingo de Pentecostes, acontece a missa solene, com procissão e grande quermesse.

Hino da Festa do Senhor Divino

(João Marinho)

Abre a porta da Igreja Matriz,

Bate o sino

Esmola Divino.

Romaria em frente à Igreja,

Aguardando a chegada do Santo.

É o rei, a Rainha.

Tudo é festa, alegria.

Como é linda nossa tradição...

IGREJA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO

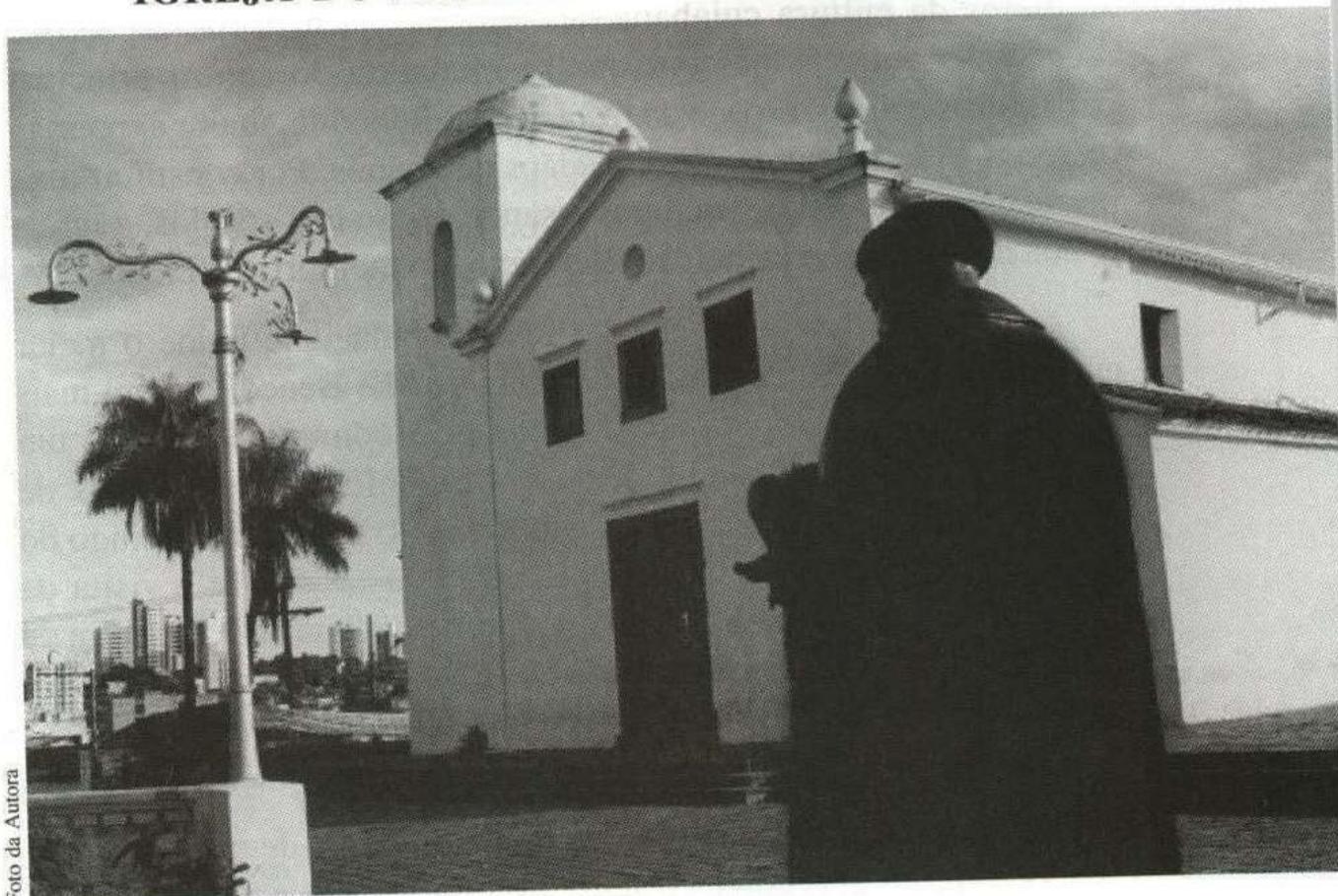


Foto da Autora

Localizada no Centro Histórico de Cuiabá, na Praça do Rosário, e tendo nas proximidades a Rua dos Bandeirantes e a Rua São Benedito, com seus casarões coloniais, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito foi contemplada com o primeiro tombamento federal em Cuiabá, sendo inscrita no Livro Tombo de Belas Artes e no Livro Tombo Histórico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 4 de dezembro de 1975. A proteção abrange, além do próprio monumento, todos os equipamentos do interior da igreja, entre os quais retábulos, imagens, alfaias e mobiliário antigo (IPHAN, 2001).

Como esta igreja, na década de 20, recebeu uma fachada em estilo neogótico, com a construção de uma torre pontiaguda central, rodeada de pequenas janelas em ogiva, na década de 70, após o tombamento federal, o IPHAN construiu uma fachada de acordo com o estilo barroco original (IPHAN, 2001).

A Igreja do Rosário e São Benedito é um dos principais símbolos da cultura cuiabana, testemunho da história, espaço de reencontro entre as pessoas que se mudaram do centro principal para outros bairros, espaço da festa de São Benedito, maior expressão da religiosidade popular dos cidadãos cuiabanos. Por constituir uma permanência na paisagem, atravessando quase três séculos, a igreja é, nos dias atuais, o principal referencial da memória da cidade.

Nesta igreja acontece a festa popular que reúne o maior número de pessoas, em Cuiabá, a festa de São Benedito, com mais de 280 anos de tradição, considerada pela comunidade como um tempo de festejos e celebrações, que se inicia com um mês de antecedência, tendo como ponto culminante o primeiro domingo do mês de julho. No período que antecede à festa, ocorre a visita da bandeira de São Benedito, o chá com bolo na missa de terça-feira de madrugada, os jantares nas terças à noite e o levantamento do mastro com a bandeira de São Benedito.

Os festejos se iniciam com o tríduo, que são três missas celebradas a partir das cinco horas da madrugada, de quinta-feira a sábado, sempre abordando o tema escolhido para a festa, que em 2003 destacou “São Benedito, uma Vocação pela Solidariedade” e em 2004 elegeu “Nas águas da salvação, São Benedito é nosso irmão”. No domingo, a missa solene começa às seis horas da manhã. Ainda como manifestações do sagrado, há a reza cantada e a procissão; nesta última milhares de fiéis percorrem as ruas da cidade, louvando o santo negro e a Virgem do Rosário, por ele venerada. Ao final da procissão há queima de fogos e quermesse, marcando o encerramento da festa.

Leão Preto de Judá

(Luiz Augusto Passos)

As mangueiras ´stão
Sorrindo, os ipês vestem-se em flor
Japuira faz seu ninho para a festa do amor
Deus está na nossa praça
Tempo quente de amor
Quem vai por São Benedito
Chega a Nosso Senhor
Isso é bom demais! [...]
Símbolo da paz! [...]
Benedito é tão bonito,
Festa assim não vi jamais!

Benedito, como é linda tua festa em Cuiabá
Negra igreja do Rosário povo santo vem festejar!
Benedito, Mariana, mãe da gente e mãe de Deus
Na alegria do Rosário
Vê Jesus nos braços teus.
Vem, vamos cantar
Vem, vamos dançar
Nosso santo, tão bendito,
Veio o Espírito morar! [...]

Céu em festa, se debruça
Nesta praça em Cuiabá [...]

Na igreja do Rosário, ocorrem também a festa de Nossa Senhora do Carmo, realizada em um final de semana próximo ao dia 16 de agosto, e a festa de Nossa Senhora do Rosário, no primeiro final de semana do mês de outubro.

IGREJA DE SÃO GONÇALO

São Gonçalo do Amarante
Casamenteiro das velhas
Por que não fez casar moça?
Que mal que fizeram elas?
São Gonçalo pra ser santo
Primeiro foi marinheiro
Quero embarcar com ele
Até o Rio de Janeiro.
(Domínio público)

Inicialmente, foi construída uma capela dedicada a São Gonçalo, próximo à foz do rio Coxipó, na localidade denominada de São Gonçalo Velho, atual São Gonçalo Beira Rio. Com a mudança dos rumos da cidade em direção à Prainha, em consequência da

descoberta de ouro neste lugar, mudou também o local do porto, que foi transferido para o atual bairro do Porto, onde foi erguida uma nova capela dedicada a São Gonçalo.

Segundo Silva (1997), a capela de São Gonçalo foi erigida graças à dedicação do Juiz de Fora de Cuiabá, Dr. José Carlos Pereira, tendo sido nela celebrada a primeira missa em 15 de novembro de 1781. Posteriormente, a igreja passou por diversas modificações.

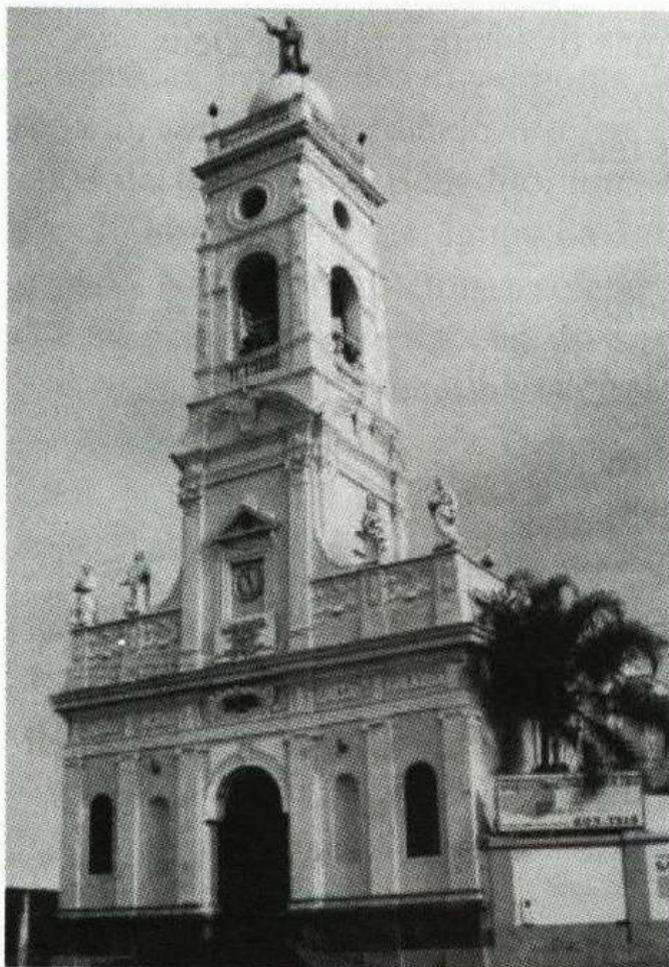


Foto: da Autora

Rodrigues (MÜLLER e RODRIGUES, 1994) informa que, no final do século XIX e início do século XX, o vigário padre José Solari reformou e adornou a fachada da Igreja de São Gonçalo com as imagens dos apóstolos que a encimam. Tem em sua abóbada o Cristo Redentor, estátua colocada em 1916, que mede dois metros e quarenta centímetros e está a trinta metros acima do solo.

De acordo com estudos realizados por Freitas (1997, p. 107), “a presença do magnífico templo atual possivelmente tenha obscurecido ou apagado de vez a imagem da singela capela que ainda existia no início da década de cinquenta”.

Em sua infância vivida no bairro do Porto, Freitas foi coroinha da Igreja de São Gonçalo e teve livre acesso às dependências anexas, como a casa antiga na continuidade do salão paroquial e outras laterais a este. Atualmente, com sua experiência de arquiteto, Freitas tece os seguintes comentários acerca das edificações que ficavam contíguas à Igreja de São Gonçalo:

Nada mais natural [...] do que reconhecer naquela casa velha, no salão paroquial com suas salas anexas laterais e em todo seu detalhamento construtivo, a primeira capela de São Gonçalo [...] Não se trata de construção provisória. Sua arquitetura, pelas características e técnica construtiva, enquadra nas tão conhecidas igrejas do passado [...] Reconheci nela tão somente uma capela singela, que guardava em planta a forma aproximada de uma cruz, lembrando o simbolismo das igrejas cristãs primitivas. Como aquelas, era desprovida de torres. Provavelmente, os sinos estariam fora, em alguma estrutura de madeira armada para esse fim (FREITAS, 1997, p. 110).

Freitas fundamenta sua convicção de que a atual igreja não corresponde à antiga capela, baseando-se também nos relatos dos viajantes que visitaram a cidade no século XIX, como, por exemplo, Joaquim Ferreira Moutinho, que escreve em 1868: “Não temos o que admirar nesta Igreja de merecimento artístico, mas ela é vasta, simples

e asseada, devendo quase tudo aos cuidados do seu pároco, que morreu de bexiga” (FREITAS, 1997, p. 113).

Na *Revista Mato Grosso*, de julho de 1907, Freitas encontrou a seguinte notícia, que faz referência à capela e que, segundo ele, provavelmente neste período estaria em construção a igreja atual:

Festa de N. S. Auxiliadora na Paróquia de S. Gonçalo – Como encerramento do mês mariano solenizado pela Benção cotidiana do Santíssimo Sacramento [...] celebrou-se a 9 do mês p.p., na Capela interina da Sede Paroquial de S. Gonçalo, a simpática festividade da gloriosa Auxiliadora dos Cristãos (FREITAS, op. cit., p. 114).

Atualmente, quem transita pela Avenida XV de Novembro se depara com a bela e centenária Igreja de São Gonçalo em estilo neoclássico, de influência toscana que, devido a sua importância como patrimônio cultural, foi tombada pela Secretaria de Estado de Cultura. Constituindo um importante espaço simbólico, especialmente para os moradores do bairro do Porto, nesta igreja são realizadas várias festas, destacando-se a festa de São Gonçalo.

No dia 10 de janeiro, dia de São Gonçalo, é realizada uma pequena quermesse. A grande festa em homenagem ao padroeiro ocorre em um sábado e domingo no final do mês de abril, quando cessa o período chuvoso. Antecedendo à festa, ocorre a peregrinação da bandeira de São Gonçalo pelas principais ruas do bairro. Nos dias da festa há alvorada com queima de fogos, missa, procissão, dança de São Gonçalo, quermesse com bingo e apresentações artísticas.

Denotando a presença da comunidade na vida da igreja, no decorrer do ano acontecem ainda várias manifestações culturais como, por exemplo, no mês de maio, dedicado à Nossa Senhora Auxiliadora, no mês de junho, ao Sagrado Coração de Jesus e em outubro, quando se realiza a festa de São Benedito, todas com procissão e quermesse.

IGREJA DO SENHOR DOS PASSOS

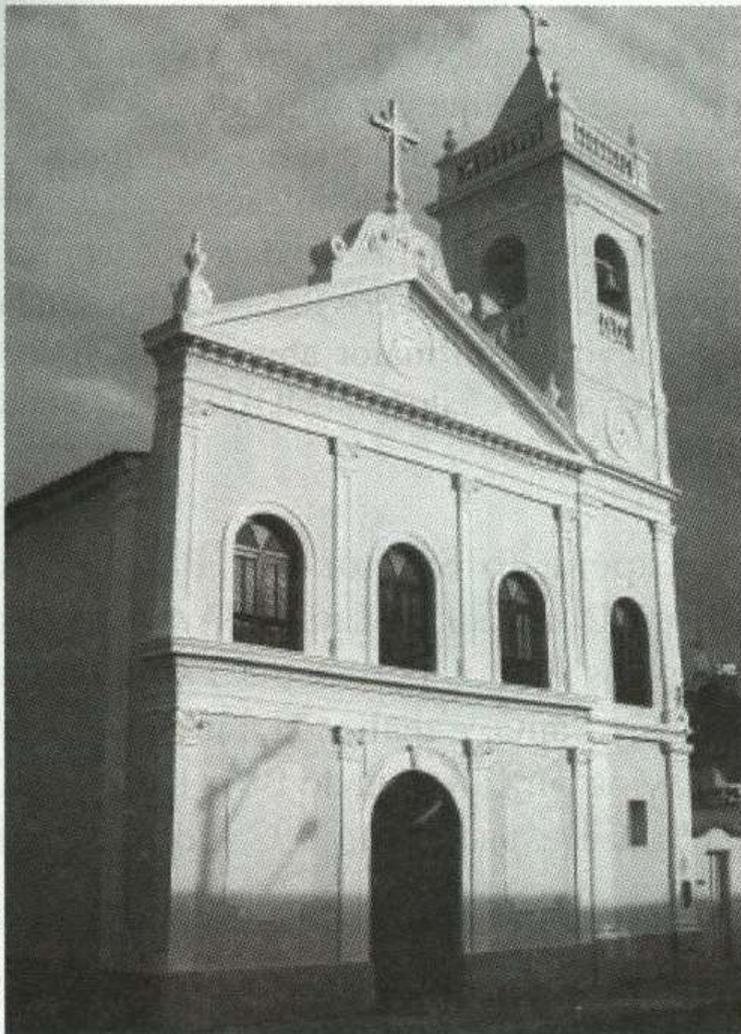


Foto: da Autora

A Igreja do Senhor dos Passos, construída em taipa de pilão (terra socada), localiza-se na Rua Sete de Setembro, antiga Rua do Oratório, constituindo parte da área tombada como Centro Histórico. Segundo Freire (1997, p. 42), “o Pelourinho, a Matriz, as igrejas do Rosário e Senhor dos Passos assentam os primeiros pontos de tensão em torno dos quais a vila se estrutura e se organiza [...] Entre a igreja do Senhor dos Passos e a

Matriz, paralelamente ao Prainha, abrem-se as primeiras ruas”.

Mendonça (1978) destaca as curiosas referências a esta igreja realizadas por Siqueira:

[...] 1816, no dia 10 de setembro, saiu a Câmara a quebrar os reais escudos, (falecimento de Dona Maria, rainha de Portugal), cuja cerimônia se executou nos largos da Igreja Catedral do Senhor dos Passos e da Praça Real (largo da Mandioca) [...] (SIQUEIRA, apud MENDONÇA, 1978, p. 21).

De acordo com Mendonça (1978), a fundação da igreja do Senhor dos Passos é bastante curiosa, sendo relatada por Moutinho:

[...] José Manoel, português de nascimento, vítima de um ataque de catalepsia, foi ele julgado morto. Amortalhado, conduziram-no à igreja e ali, após encomendação, foi lançado à sepultura, dando-se logo começo ao enterro. Voltando a si teve forças para levantar-se, o que fez fugir a bom correr o coveiro [...] Levantado da sepultura, que era bastante profunda, saiu a custo dela, e fez então voto solene de não despir mais a mortalha, e pedir esmolas durante toda a vida, com as quais ergueria uma capela ao Senhor dos Passos. Como ainda nesse tempo havia devotos em maior abundância, o seu projeto foi facilmente levado a efeito [...] (MOUTINHO, apud MENDONÇA, 1978, p. 21)

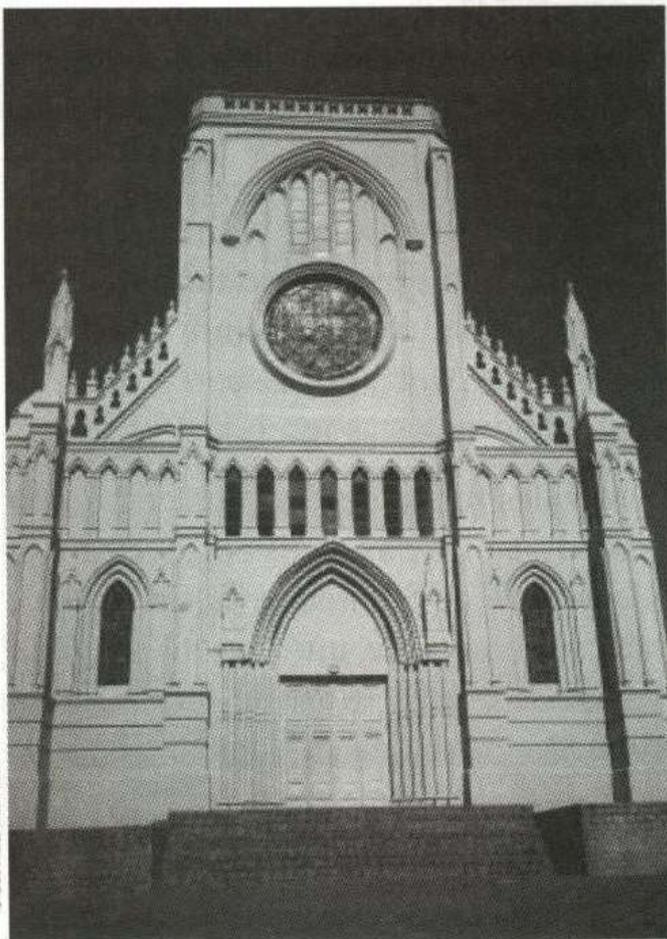
Posteriormente, a capela do Senhor dos Passos foi reformada e ampliada pelo bispo Dom Carlos Luiz D'Amour. Nos dias atuais, a Igreja do Senhor dos Passos pertence à Paróquia da Catedral e, por ocasião da Semana Santa, é realizada a procissão da Fugida, da Igreja Senhor dos Passos para a Igreja do Bom Despacho, e a Procissão do Encontro, da Bom Despacho para a Catedral. Nesta igreja não há festividades.

IGREJA DO BOM DESPACHO

Quando foi construído o Seminário da Conceição, em 1858, por D. José Antônio dos Reis, primeiro bispo de Cuiabá, já existia no Morro do Bom Despacho a pequena capela do Bom Despacho, que foi substituída por um novo templo.

A Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho, em estilo neogótico, foi idealizada pelo francês Frei Ambrósio Daydé, sendo o seu construtor o engenheiro francês Léon Joseph Louis Mousnier, que edificou vários templos na América do Sul. A pedra fundamental foi lançada em 8 de setembro de 1918, pelo Arcebispo Dom Carlos Luís D'Amour.

A obra teve alguns períodos de interrupção. Em 1923 chegaram a Cuiabá, provenientes da Bélgica, as telhas para a cobertura e zinco para as calhas e canaletes. Em setembro de 1924 o templo



foi tijolado e coberto, com a capela-mor e as duas capelas laterais terminadas. Entre 1955 e 1956, Dom Antônio Campelo de Aragão, Bispo Auxiliar de Dom Aquino Corrêa, deu continuidade ao projeto para concluir a obra (MATO GROSSO, 2004).

Para os que circulam no centro principal da cidade, a Igreja do Bom Despacho é um dos testemunhos mais significativos de sua riqueza arquitetônica. Por este motivo, em 1977, a Igreja de Nossa Senhora do Bom

Despacho e o Seminário da Conceição foram tombados como patrimônio público estadual. Posteriormente, pela Lei n.º 3265 de 11 de janeiro de 1994, a Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho foi declarada como “Símbolo Cuiabano de Tradição e Cultura” do Município de Cuiabá (CUIABÁ, 2000).

Na revista *Contato* de fevereiro de 1982, a matéria denominada “Sacrifício dos templos” (1982, p.12-3) colocou em discussão o fato de a Igreja do Bom Despacho evocar a Notre Dame de Paris e se o projeto, elaborado por Mousnier, previa a construção de uma torre, entrevistando personalidades da época como Maria de Arruda Müller, Luis-Philippe Pereira Leite e Ferreira Mendes.

A professora Maria de Arruda Müller, que esteve presente no lançamento da pedra fundamental da Igreja do Bom Despacho, revelou ter ouvido, muitas vezes, do Frei Daydée, que ele pretendia

construir naquele morro uma igreja idêntica à que existia em sua cidade natal, Chartres, capital do Departamento de Eure-et-Loir, e que foi destruída pelas tropas alemãs durante a invasão à França na Primeira Guerra Mundial (1914/1918).

Segundo Luis-Philippe Pereira Leite, o Frei Daydée pretendia construir um majestoso templo que tivesse um pouco de cada uma das mais famosas igrejas de estilo gótico, entre as quais a Notre Dame de Paris, a de Reims e a de Metz. Por isso, o projeto de Mousnier reuniu algumas características destas igrejas.

O professor Ferreira Mendes fundamentava sua convicção em anotações feitas pelo próprio Mousnier e às quais ele teve acesso por volta de 1943/45, quando lecionava no Seminário da Conceição. Segundo Ferreira Mendes, não se tratava de um projeto, mas de anotações esparsas, numa das quais estava evidente que a igreja seria concluída com uma torre pontiaguda e não aplainada como se encontra.

O arquiteto Alex de Matos, recentemente, analisou o projeto original que previa a construção de uma torre central. Segundo Matos (1998), a igreja nunca foi terminada.

Entre as atuais festividades realizadas na Igreja do Bom Despacho, destaca-se a novena e festa de Nossa Senhora do Bom Despacho, entre os dias trinta de agosto e oito de setembro, em homenagem à padroeira do templo, pois no dia oito se comemora o aniversário natalício de Nossa Senhora, uma vez que bom despacho significa bom parto.

IGREJA DA BOA MORTE

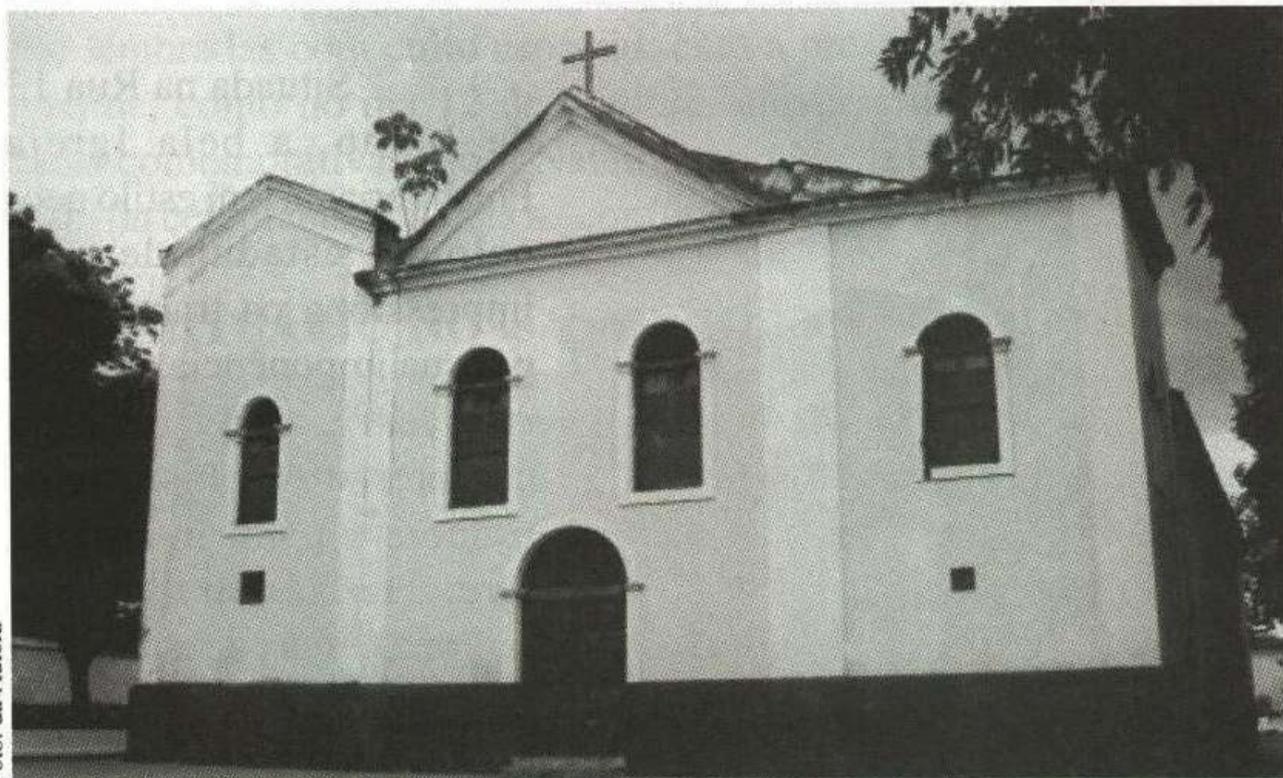


Foto: da Autora

Localizada na Praça Antônio Corrêa, na área do entorno do Centro Histórico, a Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte é um bem tombado pela Secretaria de Estado de Cultura.

Segundo Silva (1997), esta igreja foi construída em meados do século XIX pela sociedade formada por negros forros, pardos e escravos, denominada Irmandade Nossa Senhora da Boa Morte. A Irmandade realizava festas e procissões nos dias 14 e 15 de agosto para angariar esmolas. A igreja foi erigida canonicamente no dia 3 de maio de 1905.

Nos dias atuais, a igreja é dirigida pelos padres franciscanos. Nela é realizada a festa de Santo Antônio, no dia 13 de junho, com procissão, missa campal e quermesse. Como o dia 15 de agosto é dedicado à Nossa Senhora da Glória e da Boa Morte, no sábado mais próximo a esta data é realizada uma procissão e, no domingo, um almoço.

IGREJA PRESBITERIANA



Foto: da Autora

Situada na Rua 13 de Junho, a bela Igreja Presbiteriana, tem estilo neocolonial estadunidense e impressiona os transeuntes por sua imponência em uma rua desfigurada de suas características históricas. Embora a parte interna da igreja tenha passado por reformas, sua fachada, com uma torre em estilo gótico, sofreu poucos alterações.

Nos relatos sobre a Igreja Presbiteriana da capital consta que o primeiro missionário que chegou em

Cuiabá, no ano de 1891, era o Reverendo John Price, acompanhado por sua esposa, ambos enviados pela missão Aliança de Porto Alegre. Posteriormente, em 1899, chegou em Cuiabá, com sua família, o Sr. João Pedro Dias, natural da cidade do Crato-CE que “com sua visão missionária dedicou-se à evangelização e promoveu a vinda da missão Central do Brasil para Mato Grosso” (Boletim Informativo, 2000).

Em 1915, a Missão Presbiteriana Sul do Brasil enviou a Cuiabá dois casais de missionários, o Reverendo Philippe Landes e sua esposa Dona Margarida; e três anos mais tarde, o Reverendo Adão Martin e sua esposa Dona Nettie Oliver. No dia 12 de outubro de 1920, a Igreja Presbiteriana de Cuiabá foi organizada, criando o seu primeiro conselho. A pedra fundamental do templo foi lançada no dia 7 de setembro de 1921. O templo foi construído com o apoio da missão, e a obra foi concluída em 24 de dezembro de 1922 (Boletim Informativo, 2000).

A Igreja Presbiteriana de Cuiabá é uma igreja ligada à Igreja Presbiteriana do Brasil. As datas importantes para a comunidade são lembradas com culto especial, com a presença de um pastor de renome, como no dia 12 de outubro, aniversário da igreja. Outras datas comemorativas são o Natal, o Ano Novo e a Páscoa, quando, além da celebração, os fiéis se confraternizam em um café da manhã.

SANTUÁRIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA



Foto: da Autora

Sobre a pátria morraria
Teu gótico santuário,
Com seu alto campanário,
Que lindo será, Maria!

Das tuas bênçãos, ó pia,
Será riquíssimo erário;
No mar do mundo tão vário,
Nosso porto de alegria.

À sombra dele as crianças,
Nossas róseas esperanças,
Educar-se-ão, ó Senhora;

E os seus sinos, na agonia,
Lembrar-nos-ão, ó Maria,
Que és a nossa Auxiliadora!
(Dom Aquino Corrêa)

De acordo com Mendonça (1978), a história do Santuário Nossa Senhora Auxiliadora está ligada à Missão Salesiana, que chegou à cidade de Cuiabá em junho de 1894, à qual o bispo Dom Carlos Luiz D'Amour confiou a Igreja Paroquial de São Gonçalo.

A Missão Salesiana adquiriu, com o auxílio do Governo, uma chácara para abrigar os alunos internos e externos e iniciou a construção de um colégio que teve uma parte construída antes de 1897. Em outra casa funcionavam quatro oficinas, sendo elas de ferreiro, de carpinteiro, de curtidor e alfaiataria.

Cometti (s.d.) ao descrever a trajetória de Dom Aquino Corrêa, relata que um marco de sua passagem pelo Liceu Salesiano foi o lançamento da primeira pedra e o início da construção do Santuário Nossa Senhora Auxiliadora, em 24 de maio de 1912:

Apesar da pobreza em que se debatia o Liceu, que abrigava grande número de alunos internos gratuitos das Escolas

Profissionais, o Padre Aquino, auxiliado pelos seus irmãos salesianos, quis erigir um templo àquela que era a “estrela de sua vida”. Ao afamado arquiteto salesiano, G. Delpiano, confiara o encargo de elaborar a planta de um templo artístico, em estilo neogótico. E, em seus sonhos de poeta, antevia no morro fronteiro ao Córrego da Prainha, o templo da Virgem Auxiliadora, o seu sonhado Santuário (COMETTI, s/d., p. 93).

Segundo Cometti (s/d, p. 94), “a fim de preparar o terreno onde seria erigido o Santuário, o Padre Malan consentiu que 24 índios bororo, dos mais robustos, viessem ao Liceu Salesiano e aí realizassem o colossal trabalho do desmonte do morro, deixando o terreno aplainado”.

O Santuário de Nossa Auxiliadora foi inaugurado em 15 de abril de 1929, pertencendo à Paróquia de São Gonçalo. Além de estar aberto às celebrações da comunidade, tem como objetivo a formação espiritual dos educandos do Colégio Salesiano São Gonçalo.

A principal comemoração do Santuário Nossa Senhora Auxiliadora é a festa da padroeira, no dia 24 de maio, quando há procissão e missa solene.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais, vivenciamos uma fase de boas perspectivas no tocante à restauração do patrimônio histórico e cultural, na cidade de Cuiabá. Com o apoio do Governo de Mato Grosso, através da Secretaria de Estado de Cultura, a Igreja do Bom Despacho foi restaurada, com recursos doados por uma empresa do sistema financeiro, e reaberta em 30 de agosto de 2004. Nessa tarde, o morro do Bom Despacho se encheu de alegria na cerimônia que reuniu autoridades civis e religiosas e centenas de fiéis que se deslumbraram com a suntuosidade e beleza da igreja.

A Igreja do Rosário está em processo de restauração com recursos provenientes das festas organizadas pela comunidade, das doações de fiéis e de algumas empresas que atuam em Mato Grosso, além dos recursos do IPHAN. Conta ainda com o apoio da Secretaria de Estado de Cultura e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. A Igreja do Senhor dos Passos também encontra-se em processo de restauração.

A análise realizada permite concluir que as igrejas constituem importantes referenciais da paisagem urbana, revelando que o centro principal, bem como o bairro do Porto, são espaços ricos em história e memória, onde o novo e o moderno convivem com formas antigas, herdadas de outras gerações.

Entre as dificuldades para o estudo das igrejas destaca-se a falta de fontes escritas. Mesmo as igrejas que passaram por reformas ou obras de conservação recentes, não possuem registros dos projetos e de seus respectivos autores. Algumas informações têm sido transmitidas oralmente e, muitas vezes, apresentam versões diferentes.

Constatou-se que, mesmo em meio a um certo abandono em que se encontra o Centro Histórico e as áreas do entorno, os cidadãos buscam as referências da cidade neste patrimônio cultural, onde se sobressaem, majestosamente, as igrejas.

As festas religiosas têm grande significado para a identidade dos cidadãos cuiabanos, pois elas representam o momento de reencontro com os amigos, principalmente porque, com a expansão urbana da cidade, muitos moradores venderam suas casas localizadas no centro ou em suas imediações, afastando-se geograficamente das igrejas que constituem espaços de fé, de memória e de convívio social.

A alegria dos cidadãos cuiabanos é contagiante e encontra nas festas religiosas um momento de grande expressão. São alvoradas, queima de fogos, celebrações solenes, missas de madrugada, “chá-cô-bolo”, quermesses, procissões, andores enfeitados, flores repartidas

entre os fiéis ao final de cada procissão, lembranças do seu padroeiro, fé que alimenta o espírito na trajetória da vida.

Conclui-se que, no contexto do patrimônio cultural de Cuiabá, as igrejas se destacam como importantes atrativos turísticos, tanto pela beleza e imponência, quanto pelas festas realizadas, as quais são visitadas por milhares de pessoas. Esse patrimônio, além de seu legado cultural, pode contribuir para o desenvolvimento de atividades econômicas relacionadas ao turismo.

NOTAS

¹ Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora de Geografia Urbana do Curso de Graduação em Geografia e do Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

² Póvoas (1995) informa que a Catedral possui 58 m de comprimento por 22 de largura, tendo a nave 20 m de altura e as torres, 40 m. O projeto da catedral foi elaborado pelo arquiteto especializado em arte sacra, Benedito Calixto de Jesus Neto, autor do projeto da Basílica de Aparecida, SP.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de A. Sobre a memória das cidades. **Território**, Rio de Janeiro: LAGET, ano III, n.4, p. 4-26, jan./jun. 1998.

ALINCOURT, Luiz d'. **Memória sobre a viagem do Porto de Santos à cidade de Cuiabá** [por] Luiz d'Alincourt; prefácio de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

ASSIS, Doralice G. **Conscientizar para preservar**. Secretaria de Estado de Cultura. Coordenadoria de Preservação Cultural. Cuiabá: SEC, 1997.

BOLETIM INFORMATIVO. Igreja Presbiteriana de Cuiabá. **Boletim Informativo**, n. 1656, out., ano XXII, Cuiabá, 2000.

BRANDIS, Dolores; DEL RÍO, Isabel. La dialéctica turismo y médio ambiente en las ciudades históricas: una propuesta interpretativa. **Ería – Revista Cuatrimestral de Geografía**. n. 47, Oviedo, 1998, p. 229-240.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2004.

CASTILHO, Elizethe Rosa. **Patrimônio histórico – uma questão de identidade**. Secretaria de Estado de Cultura. Coordenadoria de Preservação Cultural. Cuiabá: SEC, 1997.

COMETTI, Pe. Pedro. **Dom Aquino Corrêa: Arcebispo de Cuiabá – vida e obra**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, s.d.

CUIABÁ de todos os santos e de todas as cores. **O Estado de Mato Grosso**. Cuiabá, 9 mar. 1969. Suplemento dominical.

FESTA do Senhor Divino 2002. Catedral Basílica Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Ano 03, n. 03. Cuiabá, 2002.

FREIRE, Júlio De Lamônica. **Por uma poética popular da arquitetura**. Cuiabá: EdUFMT, 1997.

FREITAS, Moacyr. Capela de São Gonçalo do Porto. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**. Tomo CXLV, Ano LXIX, p. 107-116. Cuiabá: IHGMT,

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito**. Cuiabá: 14 SR/18 Sub-Regional do IPHAN/MT, 2001.

MARQUES, Helder; MARTINS, Luís. Memória, herança, patrimônio e paisagem. Coimbra: **Cadernos de Geografia**, n.17, p.123-129, 1998.

MATO GROSSO. **Recuperação do Patrimônio Histórico – Igreja Nossa Senhora do Bom Despacho.** Cuiabá, Secretaria de Estado de Cultura, 2004.

MATOS, Alex. **A Igreja do Bom Despacho – arquitetura e simbolismo.** Cuiabá: Grafite, 1998.

MENDONÇA, Rubens de. **Igrejas & sobrados de Cuiabá.** Cuiabá: Prefeitura Municipal de Cuiabá, Secretaria Municipal de Cultura, 1978. (Cadernos cuiabanos – 7)

MÜLLER, Maria A.; RODRIGUES, Dunga. **Cuiabá ao longo de 100 anos.** Cuiabá, 1994.

PÓVOAS, Lenine C. **História geral de Mato Grosso: dos primórdios à queda do Império.** vol 1. Cuiabá: L.C. Povoas, 1995.

REIS, Nestor Goulart. **Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Fapesp, 2000. (Uspiana – Brasil 500 Anos)

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica.** Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis: o sagrado e o urbano.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

SÁ, Joseph Barboza de. **Relação das povoações do Cuyabá e Mato Groso de seos princípios thé os presentes tempos.** Cuiabá: Edições UFMT, 1975. (Coleção: Ouro ou Mel)

SACRIFÍCIO dos templos. **Contato.** Cuiabá ano IV, n. 29, p.11-15, fev. 1982.

SILVA, Paulo Pitaluga C. In: SILVA, Paulo P. C.; FREITAS, Moacyr. **Gravuras cuiabanas.** Cuiabá: M.E. Cardoso, 1997.

STEINEN, Karl Von Den. **O Brasil Central: expedição em 1881 para a exploração do rio Xingu.** Tradução de Catarina Baratz Cannabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

TROITIÑO VINUESA, Miguel A. El turismo en las ciudades históricas. **Polígonos – Revista de Geografía**. nº 5. León: Departamento de Geografía, Universidad de León, 1995, p.49-65.

TROITIÑO VINUESA, Miguel A. Turismo y desarrollo sostenible en ciudades históricas. **Ería – Revista Cuatrimestral de Geografía**. n. 47, p. 211-227. Oviedo: Departamento de Geografía, Facultad de Geografía e Historia, 1998a.

TROITIÑO VINUESA, Miguel A. **Paisaje urbano y patrimônio Cultural: el centro histórico de Cuenca. Paisaje y medio ambiente**. Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones, 1998b, p.117-135.